

«Profundo respeito» pela vida humana
Intenção de oração de Bento XVI para o
mês de Novembro apela aos investigadores
e legisladores de todo o mundo

Por: *Elias Couto*

(Continuação da 1.ª página)

3. Questão de cultura e civilização

Antes de ser uma questão de cientistas, médicos e políticos, a dignidade da vida humana é uma questão de cultura e civilização. Há culturas e civilizações em que o valor do indivíduo é sempre subordinado aos interesses do grupo social – e os direitos humanos individuais são vistos como algo estrangeiro, fruto da civilização ocidental. Mesmo no seio da civilização ocidental, há ideologias que defendem posturas semelhantes, embora por motivos diferentes. Deste modo, a universalidade do direito humano à vida encontra-se confrontada com as particularidades culturais ou ideológicas que conformam o agir de muitos grupos humanos ou de civilizações inteiras. A defesa e promoção da dignidade da vida humana «desde o seu início até ao seu fim natural» é, por isso e antes de mais, uma questão cultural e civilizacional. E sendo uma questão cultural, é aqui que o combate deve ser travado. Não por acaso, o Papa João Paulo II falava de uma «cultura da morte» enfrentando-se com uma «cultura da vida» no coração mesmo da civilização ocidental.

INFORMAÇÕES

Ofertório Solene para a Diocese: O Ofertório das Missas do próximo domingo, dia 4, reverte a favor do Ofertório Solene para a Diocese. Por isso, nos dias 1 ou 2, deve ser levado um envelope por cada família para aí depositar a oferta para a Diocese.

Mês das Almas: Integrado na Missa, decorre, durante todo o mês de Novembro, o habitual “Mês das Almas”, com uma reflexão adequada e oração pelos nossos entes queridos falecidos. Participe!

4. Cristianismo contestatário

No que diz respeito à defesa da vida humana e sua dignidade, hoje e no futuro próximo, os cristãos para quem o Evangelho continua a ser a instância crítica da sua vida quotidiana e das suas opções culturais e políticas devem assumir, cada vez mais, um papel contestatário da ordem estabelecida – não pela violência mas por opções de vida claramente alternativas, tal como os primeiros cristãos fizeram relativamente ao império romano. E, tal como os primeiros cristãos, serão marginais face às correntes culturais e políticas dominantes, mas nem por isso o seu papel será de menor importância. Ficarão, certamente, com a tarefa mais pesada, aparecendo como pessoas e comunidades alternativas – pessoas e comunidades empenhadas em defender a dignidade humana das crianças ainda não nascidas, das pessoas com doenças incuráveis, das pessoas com deficiência, das pessoas idosas. Há, certamente, muitos outros âmbitos nos quais é necessário defender a dignidade da vida humana. Este, porém, é já o de maior emergência, e sê-lo-á ainda mais no futuro, pois trata-se dos mais indefesos entre todos os humanos, aqueles para quem a civilização que estamos a edificar tem menor ou nenhuma sensibilidade. Neste contexto, rezar pelos cientistas, médicos e políticos, para que cultivem um profundo respeito pela vida humana desde a sua origem até ao seu fim natural é também um acto de contestação cultural, consequente com a fé que nos anima.

Intenções de Missas para 2008: O pároco aceita já intenções de Missas para todo o ano 2008. Pede que, de preferência, lhe sejam entregues por escrito, em papel ou pelo e-mail paroquiasocorro@sapo.pt.

Fiéis Defuntos – Visitas ao Cemitério: Pelo costume, a confirmar com os respectivos párocos, haverá Visita de Oração ao Cemitério Municipal, no dia 1, no fim da Missa das 15 h., a celebrar na Igreja da Ordem Terceira, e no dia 2, no fim da Missa das 8 horas; Ao Cemitério de Areosa, a Visita será na 5ª feira, dia 2, no fim do Jubileu das Almas que começa às 10 h.

PARÓQUIA VIVA

N.º 340 – 01/11/2007

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



Solenidade de Todos os Santos - Ano C



« Jesus subiu ao monte e sentou-Se. ... Ele começou a ensinar, dizendo: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram ... Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa”.»
 (Evangelho)

«Profundo respeito» pela vida humana
Intenção de oração de Bento XVI para o
mês de Novembro apela aos investigadores
e legisladores de todo o mundo

Por: *Elias Couto*

Que quantos se dedicam à
investigação médica ou têm
responsabilidades legislativas cultivem
um profundo respeito pela vida humana,
desde o seu início até ao seu fim natural.

1. Investigação médica e respeito pela vida

Não vale a pena lembrar quão complexa se tem vindo a tornar esta questão, quer no que se refere à determinação do fim da vida humana, quer relativamente à determinação do seu início. Nem vale a pena argumentar com tal complexidade para defender soluções de facilidade, do género: «os cientistas que decidam»...

Se, como se diz, a «guerra é um assunto demasiado sério para ser entregue à decisão dos militares», também a vida humana «é um assunto demasiado sério» para que as decisões fundamentais sobre a mesma sejam deixadas apenas aos cientistas e médicos. Mais ainda quando, entre os primeiros, é cada vez mais fácil encontrar quem defenda o direito dos cientistas a investigar sem quaisquer limitações; e entre os segundos, não falta quem pretenda assumir poder de vida ou de morte sobre as pessoas, ainda por nascer ou já nascidas – ao ponto de alguns defenderem o direito-dever dos médicos de decidir sobre a morte de certos doentes, incuráveis e por eles considerados sem «qualidade de vida».

2. Os políticos e a defesa da vida

Há, a este respeito, uma espécie de esquizofrenia: por um lado, os políticos revelam-se hipersensíveis (pelo menos, em palavras) a tudo quanto possa constituir ameaça, mesmo que abstracta, à vida dos seres humanos – e legislam furiosamente, proibindo ou regulamentando os comportamentos individuais, sempre que estes pareçam desadequados ao que se convencionou chamar uma sociedade «saudável» e «progressista» (desde o tabaco até ao açúcar ou ao consumo de carnes gordas); por outro lado, são absolutamente liberais em temas tão concretos como o aborto, a eutanásia, a reprodução humana medicamente assistida, as investigações com embriões humanos produzidos em laboratório – e legislam furiosamente, legalizando ou permitindo os comportamentos individuais mais estranhos, aberrantes e imorais.

(Continua na pág. 4)

Solenidade de Todos os Santos – Ano C

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: Apoc. 7, 2-4.9-14

2.ª leitura: 1 Jo. 3, 1-3

Evangelho: Mt. 5, 1-12a

- Celebrar a vida -

Nos dias 1 e 2 de Novembro celebramos as festas de Todos-os-Santos e dos Fiéis Defuntos. São dias de profunda reflexão acerca do fim do ser humano e daquilo que o espera na vida futura.

A morte, grande tabu dos tempos actuais, é a única certeza da nossa realidade precíval. Todos sabemos que vamos partir um dia e só a nossa fé cristã na ressurreição e na vida eterna nos dá esperança de que vale ser justo e bom, pois é neste mundo que ganhamos o Céu. É nesta terra que nos santificamos. É neste tempo actual que subimos as escadas da santidade.

Por isso, celebrar a festa de Todos-os-Santos, é celebrar a vitória da vida sobre a morte e proclamar alto e a bom som que a vida venceu a morte e que aqueles que crêem em Jesus viverão com Ele para sempre, no mundo novo que está a nascer. São os novos céus e a nova terra, onde não há dor nem lamento, onde não luto nem morte. Acreditamos que junto de Cristo já está uma multidão de pessoas de todos os povos, línguas e nações, que intercede por nós e louva a Deus eternamente, sendo para nós um testemunho de vida.

Associada à festa de Todos-os-Santos está a solenidade dos Fiéis Defuntos, em que recordamos aqueles que nos precederam na fé e que ainda podem estar num estado de purificação, a que chamamos Purgatório, onde aqueles que morreram na graça e na fé em Cristo se preparam para entrar na presença absoluta de Deus em que verão o Senhor face a face. Por esta razão, peregrinamos aos cemitérios e participamos nas orações e sufrágios, pedindo por eles e rezando a Deus que é cheio de misericórdia que os acolha plenamente no seu Reino.

O nosso povo celebra com fé estes dias e as nossas igrejas e capelas enchem-se de pessoas. Aproveitemos para dar testemunho de vida e acolher aqueles que só nestes dias frequentam os lugares de culto. Apresentemos a verdade: Jesus está vivo, ressuscitou e venceu a morte e aqueles que nele crêem vivem com Ele para sempre. É preciso proclamar bem alto esta verdade de fé e dizer como o profeta Sofonias: Rejubilá, filha de Sião, solta gritos de alegria, povo de Israel! Alegra-te e exulta com todo o coração, filha de Jerusalém! O Senhor revogou as sentenças contra ti, e afastou o teu inimigo.

O Senhor, rei de Israel, está no meio de ti. Não temerás mais a desgraça. Naquele dia, dir-se-á a Jerusalém: «Não temas, Sião! Não se enfraqueçam as tuas mãos! O Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador! Ele exulta de alegria por tua causa, pelo seu amor te renovará. Ele dança e grita de alegria por tua causa, como nos dias de festa.» Afastarei de ti a desgraça para que não pese sobre ti o opróbrio. (Sof. 3, 14-18)

É esta atitude que devemos ter diante do mistério da morte e da dor. O Senhor Jesus já tudo venceu com a oferta voluntária da sua vida ao Pai, no Calvário. A nossa postura será aderir à fé e à esperança de que o Senhor exultará connosco quando partirmos deste mundo ao seu encontro.

Sérgio Carvalho

Dos Santos aos Fiéis Defuntos Celebrações marcam profundamente a religiosidade dos portugueses



A proximidade destes dois dias do princípio de Novembro, respectivamente o dia 1 e 2 deste mês, levou a que frequentemente se imagine que se trata de uma única celebração em dois

dias consecutivos. No entanto, não é assim, embora cada um destes dois dias tenha muito de comum, que é a celebração do mistério da vida para além da morte e a esperança de nela tomarmos parte, como membros do mesmo e único Corpo de Cristo que por nós morreu e para nós ressuscitou. Os Santos sempre foram celebrados desde o princípio do Cristianismo, particularmente os Mártires.

As Igrejas do Oriente foram as primeiras (século IV) a promover uma celebração conjunta de todos os Santos quer no contexto feliz do tempo pascal quer na semana imediatamente a seguir. Os santos – com destaque para os mártires – são, de facto, modelo sublime de participação no mistério pascal. No Ocidente, foi o Papa Bonifácio IV a introduzir uma celebração semelhante em 13 de Maio de 610, quando dedicou à Santíssima Virgem e a todos os Mártires o Panteão de Roma, dedicação essa que passou a ser comemorada todos os anos. A partir destes antecedentes, as diversas Igrejas começaram a celebrar em datas diferentes, celebrações com idêntico conteúdo. Os irlandeses, por exemplo, celebravam em 20 de Abril uma festa em honra de todos os Santos da Europa. A data de 1 de Novembro foi adoptada primeiro na Inglaterra do século VIII acabando por se generalizar progressivamente no império de Carlos Magno (influência de Alcuíno, que era inglês), tornando-se obrigatória no reino dos Francos no tempo de Luís, o Pio (835), talvez a pedido do Papa Gregório IV.

Na solenidade de todos os Santos, a Igreja propõe esta visão da glória, às portas do Inverno, para que, com o cair das folhas das árvores e o apagar-se gradual da luz do dia, não esmoreça nos seus filhos a esperança da vida e da vida plena em Deus, onde os Santos são para nós ainda peregrinos na Terra, um estímulo e um contínuo convite a que desejemos, para além da morte, a vida eterna em Deus.

O dia de Todos os Santos é, por isso, um dia de festa que não deve ser ofuscada pela celebração do dia que se lhe segue.

A comemoração de todos os Fiéis Defuntos nasceu, no entanto, em ligação com a celebração do dia anterior, e muito naturalmente, pois que também nela se celebra a vida para além da morte, na esperança da ressurreição do último dia. O dia chama-se Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, depois de Todos os Santos, todos os que partiram deste mundo, marcados com o sinal da fé e esperam ainda a purificação total para poderem chegar à visão de Deus.

O nome tradicional para falar dos que partiram é Defuntos – palavra que significa os que deixaram a sua "função", a sua actividade terrena e que não devem ser chamados "Finados", palavra de sabor pagão, que significaria os que chegaram ao fim de tudo quanto é vida, onde não haveria lugar para "a vida do mundo que há-de vir", como professamos no Credo.

Foi o Abade de Cluny, S. Odilão, quem no ano 998 determinou que em todos os mosteiros da sua Ordem – e eram muitos e influentes – se fizesse a comemoração de todos os defuntos «desde o princípio até ao fim do mundo» no dia a seguir ao da solenidade de todos os Santos. Este costume depressa se generalizou. Roma oficializou-o no século XIV e no século XV foi concedido aos dominicanos de Valência (Espanha) o privilégio de celebrar 3 missas em 2 de Novembro, prática que se difundiu nos domínios espanhóis e portugueses e ainda na Polónia. Durante a primeira Grande Guerra, o Papa Bento XV generalizou esse uso a toda a Igreja (1915). O Calendário de 1969 equipara a Comemoração às Solenidades, dando-lhe precedência sobre os domingos.

Também a sucessão dos dois dias litúrgicos insinua esta íntima ligação dos dois cultos: a Igreja pretende abraçar todos os cristãos que já concluíram a sua peregrinação terrena, a começar por aqueles nos quais já se cumpriu integralmente o mistério pascal com o triunfo da ressurreição de Jesus Cristo.